

Religiosidade e homossexualidade Amazônica: entre conflitos e integrações

*Religiosity and Amazonian
homosexuality: between conflicts and
integrations*

**Raissa Cruz dos Santos, Giulia Rafaela da Silva Corrêa
Lima, Waldemir Caravelas Furtado Júnior, Roberta
Canelas Aguilera Carvalho**

Resumo

Este estudo investigou a vivência da religiosidade por homens homossexuais em Belém do Pará. Participaram do estudo sete homens, com idade entre 25 e 38 anos, autodeclarados homossexuais das religiões católica e evangélica. Os relatos foram organizados em quatro categorias: relação entre religiosidade e sexualidade; estratégias de integração; religiosidade como um entrave a aceitação da homossexualidade; e o preconceito dentro da comunidade religiosa. Observou-se que a religiosidade na Amazônia tem um papel controlador sobre as subjetividades homossexuais, forçando-os a ocultar seus trejeitos e expressões afetivas. Por outro lado, os valores cristãos e o acolhimento de parte da comunidade religiosa são estratégias importantes para manter os homens gays pertencentes à sua crença religiosa.

Palavras-chave

homoafetividade, cristianismo, Amazônia.

Abstract

This study investigated the experience of religiosity among homosexual men in Belém of Pará. Seven men, aged between 25 and 38 years, self-declared as homosexuals and practitioners of Catholic and Evangelical religions, participated in the study. The narratives were organized into four categories: relationship between religiosity and sexuality; integration strategies; religiosity as an obstacle to the acceptance of homosexuality; and prejudice within the religious community. It was observed that religiosity in the Amazon plays a controlling role over homosexual subjectivities, forcing them to hide their mannerisms and affective expressions. On the other hand, Christian values and the support form part of the religious community are important strategies for maintaining gay men's adherence to their faith.

Keywords

homosexuality, christianity, Amazonian.

**Raissa Cruz dos
Santos**

**Centro Universitário
Metropolitano da
Amazônia (UNIFAMAZ)**

Mestra em psicologia pelo Programa de Pós-graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento (PPGTPC/UFPa) e Docente do Centro Universitário Metropolitano da Amazônia (UNIFAMAZ).

raissacruzdosantos@gmail.com

**Giulia Rafaela da Silva
Corrêa Lima**

**Centro Universitário
Metropolitano da
Amazônia (UNIFAMAZ)**

Psicóloga graduada pelo Centro Metropolitano da Amazônia (UNIFAMAZ) e pós-graduanda em intervenção ABA aplicada ao Autismo e Deficiência Intelectual (CBI of Miami).

grafalima@gmail.com

**Waldemir Caravelas
Furtado Júnior**

**Centro Universitário
Metropolitano da
Amazônia (UNIFAMAZ)**

Psicólogo graduado pelo Centro Metropolitano da Amazônia (UNIFAMAZ) e pós-graduando em intervenção ABA aplicada ao Autismo e Deficiência Intelectual (CBI of Miami).

juniorpoca93@gmail.com

**Roberta Canelas
Aguilera Carvalho
Corrêa Lima**

**Centro Universitário
Metropolitano da
Amazônia (UNIFAMAZ)**

Psicóloga graduada pelo Centro Metropolitano da Amazônia (UNIFAMAZ) e possui formação em Gestalt Terapia no Instituto Carioca Gestalt Terapia. Centro Universitário Metropolitano da Amazônia (UNIFAMAZ), Belém, Pará, Brasil.

betaguilera81@gmail.com

Introdução

Com o desenvolvimento social, a presença de lutas por direitos humanos e LGBTQIA+ e a participação ativa de uma resistência teórica e prática de profissionais da área da saúde, no final do século XX a homossexualidade foi removida como diagnóstico do DSM-II e do CID 10 (LUZ, TORESAN, 2020). Apesar dos avanços, a atração afetivo-sexual entre pessoas do mesmo sexo ainda é considerado um pecado, um risco à fecundidade biológica e aos modelos familiares ditos “normais ou naturais” (NATIVIDADE, OLIVEIRA, 2018).

O contexto hostil à orientação sexual junto com a homofobia, leva muitos homossexuais a se esconderem para evitar o estigma e a exclusão, os vulnerabilizando à evasão escolar/acadêmica (CORRÊA, FERREIRA, 2016), piores condições trabalho (GARCIA, SOUZA, 2010), prostituição (ALBUQUERQUE et al., 2017) e risco de suicídio (GIBBS, GOLDBACH, 2015). Fatores que prejudicam a saúde mental e qualidade de vida desse grupo.

Justificativas religiosas são utilizadas para condenar e proibir as relações homossexuais, por serem consideradas subversivas à concepção sexual (GIBBS, GOLDBACH, 2015). Para as religiões cristãs, que possuem forte influência na cultura brasileira (DUARTE, 2017), os homens homossexuais são vistos como transgressores da vontade de Deus e negativamente apelidados como “afeminados” pela relação com a figura feminina, historicamente construída como subalterna (SANTOS, 2016).

Por outro lado, a religiosidade é um fator protetivo para a saúde mental possibilitando ao indivíduo resiliência para reagir a situações difíceis (RIBEIRO, SCORSOLINI-COMIN, 2017). Pesquisas em neurociência e psicoimunologia, afirmam que o sistema nervoso central e o imunológico, juntamente à religiosidade, ajudam na imunidade e crises de saúde (CUNHA, ROSSATO, SCORSOLINI-COMIN, 2021).

É importante fazer uma distinção teórica entre religião e religiosidade: a primeira é considerada um conjunto de crenças e compromissos ideológicos (CUNHA, ROSSATO, SCORSOLINI-COMIN, 2021), por sua vez, a religiosidade é caracterizada pela prática da pessoa, por exemplo, a frequência nos ritos, atuação na comunidade religiosa, o quanto acredita e segue os valores da religião etc. (PRÉCOMA et al., 2019; CORTES et al., 2021).

Por mais que as instituições religiosas definam regras de conduta e moral na sociedade contemporânea, não existe similaridade na assimilação de tais normas entre seus praticantes (SANTOS, 2023). Apesar das justificativas religiosas contra a homossexualidade, o grupo participa de comunidades religiosas estabelecendo relações acolhedoras com os outros membros (CUNHA, ROSSATO, SCORSOLINI-COMIN, 2021).

Desse modo, tanto a religiosidade quanto a sexualidade dimensões importantes para o ser humano, por isso é necessário pesquisas que compreendam a relação entre elas. Vale ressaltar que a discussão sobre religiosidade encontra barreiras na academia e na prática psicológica (ROSA, ESPERANDIO, 2022; HOLANDA, PEREIRA, 2020). Pesquisas voltadas para esses temas possibilitam mudanças sociais que podem beneficiar diversos grupos, dentre eles homossexuais e comunidades religiosas.

Este estudo é relevante por descrever a subjetividade religiosa e homossexual no contexto amazônico. A hegemonia da produção acadêmica advinda do eixo sul/sudeste do país cria uma lacuna na compreensão da subjetividade amazônica, que, muitas das vezes, se desenvolve em oposição à região centro-sul (RIBEIRO, FRANCO, 2021). Isso dificulta o protagonismo e a construção proveniente dos próprios nortistas.

O contexto Amazônico oferece desafios peculiares aos estudos sobre sexualidade devido sua diversidade sociocultural e seu caminho na história

do Brasil (DA SILVEIRA, 2020). Diferente do eixo centro-sul do Brasil, na Amazônia as experiências de diversidade sexual são negociadas no cotidiano sendo consideradas fluidas, dinâmicas e não-binárias (GONTIJO, ERICK, 2017). No âmbito religioso, as manifestações cristãs da região norte coexistem com eventos produzidos por grupos homossexuais que contestam as dimensões religiosas e ortodoxas (RIBEIRO, FRANCO, 2021). Desta forma, essa pesquisa buscou compreender como a religiosidade é vivenciada por homens homossexuais na Amazônia.

Metodologia

Essa pesquisa de campo é de abordagem qualitativa e exploratória (GOULART, 2018), orientada pelos princípios éticos das Resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) nº 466/2012 e 510/2016.

Local

As entrevistas foram realizadas nas salas da clínica do serviço-escola de psicologia. Este local foi selecionado por ter um ambiente adequado para realizar entrevistas, na qual apresenta isolamento acústico, iluminação, equipamentos e sigilo necessário para que o participante pudesse responder a entrevista.

Participantes

Foram entrevistados sete indivíduos do sexo masculino que se autodeclararam homossexuais, com idade entre 25 e 38 anos ($M=33\pm 4,43$), de religião cristã (católicos e evangélicos), com renda entre dois e sete salários-mínimos e participantes ativos de comunidade religiosa (tabela 1). Todos os entrevistados estudaram em colégios religiosos e afirmam praticar da religião desde sempre, por serem parte de famílias religiosas.

A captação da amostra se deu através do “snowball sampling”, traduzido como “bola de neve”, na qual os convidados a participar da pesquisa sugerem os novos participantes e assim sucessivamente (LOBATO, 2023). Essa captação se justifica pela dificuldade de encontrar entrevistados, participantes de segmentos religiosos, que participem de determinada crença ou religiosidade e que assumam abertamente a orientação sexual homoafetiva.

Essa pesquisa utilizou apenas participantes das religiões católica e evangélica, devido serem consideradas as religiões mais assumidas no contexto brasileiro (LOBATO, 2023).

Pseudônimo	Idade (anos)	Renda média (salário-mínimo)	Religião	Há quantos anos pratica a religião	Frequência em cultos, missas ou reuniões religiosas
Luís	38	Acima de 7	Católico	38	Semanalmente
Ernani	29	2	Católico	29	Semanalmente
Aníbal	22	1	Evangélico	22	Semanalmente
Chico	33	3	Católico	33	Semanalmente
Milton	34	5	Católico	34	Semanalmente
José	31	Acima de	Católico	31	Semanalmente

Pseudônimo	Idade (anos)	Renda média (salário-mínimo)	Religião	Há quantos anos pratica a religião	Frequência em cultos, missas ou reuniões religiosas
		7			
Mário	27	Acima de 7	Católico	27	Semanalmente

Tabela 1: Perfil dos entrevistados.

Roteiro de entrevista

A obtenção dos dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas norteadas por roteiro, com áudio gravação do participante. Para realização da entrevista, foi construído um roteiro com perguntas abertas, elaboradas pelos autores sobre homossexualidade e vivência da religiosidade, que abarcou os seguintes aspectos: religião do participante e tempo de prática; início da prática religiosa; reconhecimento enquanto homem homossexual; dificuldade em assumir a orientação sexual; contribuição da religiosidade para aceitação da sexualidade; e vivências de preconceito dentro e fora da comunidade religiosa.

Procedimento e análise dos dados

Os primeiros participantes foram encontrados a partir do convite que foi divulgado na rede social dos pesquisadores (Instagram, Facebook, Whatsapp). Junto ao convite, foi disponibilizado um link no Microsoft Forms no qual o participante inseriu os seus dados pessoais (para confirmar se o participante estava dentro do perfil solicitado), o seu contato telefônico e e-mail para que os pesquisadores os contactassem.

No convite estavam escritos os critérios de seleção e o link do formulário, solicitando ao possível participante os seus dados pessoais (nome completo, idade, naturalidade, orientação sexual e religião) e contato (número de telefone e/ou celular e e-mail). A partir das respostas, os pesquisadores entraram em contato com o participante para marcar o dia e horário da pesquisa conforme a disponibilidade deles e lhes foi informado o endereço da clínica de psicologia para realização da entrevista.

Na clínica-escola, os pesquisadores falaram sobre os objetivos da pesquisa e entregaram o TCLE para leitura. Após tirar todas as dúvidas e mediante a sua assinatura, iniciou-se a gravação e as perguntas do roteiro. Conforme o método, ao final da entrevista foi perguntado ao participante possíveis contatos de pessoas conhecidas que se encaixassem nos critérios da pesquisa e que apresentassem disponibilidade para participar.

Devido à complexidade do tema, durante a entrevista os pesquisadores priorizaram a construção do rapport, a partir de uma linguagem acessível e ambiente seguro para o entrevistado. Os discursos mais significativos foram identificados dentro da pesquisa com outros nomes, de forma a manter o sigilo. Os nomes escolhidos foram baseados em personalidades paraenses ligadas a visibilidade homossexual no âmbito artístico, acadêmico e movimento social LGBTI (RIBEIRO, FRANCO, 2021).

As entrevistas foram gravadas, em aparelho com gravador de áudio, e posteriormente transcritas e analisadas. Para análise das entrevistas, utilizou-se o método de análise do conteúdo (BARDIN, 2011), a fim de categorizar as informações dadas pelos participantes.

Resultados e discussão

A análise de conteúdo resultou em quatro categorias a partir das entrevistas realizadas, sendo: homossexualidade e religiosidade: aproximações através das vivências; estratégias de integração entre homossexualidade e religiosidade; religiosidade como um entrave à aceitação da homossexualidade; e o preconceito dentro da comunidade religiosa.

Relação entre sexualidade e religiosidade

Essa categoria visa analisar como é a relação entre essas dimensões e de que modo os participantes fazem essa aproximação. Percebeu-se que para integrar religiosidade e homossexualidade, na maioria dos relatos, ocorre algum tipo de limitação ou renúncia que impede a livre expressão de ambos.

Essa constatação é corroborada a partir do relato dos participantes, cuja estratégias encontradas para conciliar esses dois aspectos da subjetividade não acontecem sem algum tipo de cerceamento da sua religiosidade ou sacrifício da expressão homossexual, causando um desconforto no modo de agir e expressar-se, tanto para com suas famílias e dentro da comunidade.

A homossexualidade sempre esteve presente na vida do ser humano, porém quase sempre invisibilizada nas estruturas sociais heteronormativas, oriundas da ficção binária macho e fêmea (BUTLER, 2018). O autorreconhecimento enquanto homossexual sempre foi um grande desafio para qualquer sujeito que a este grupo pertença, se pensarmos nos mecanismos de repressão social mantidos historicamente por instituições como a igreja, de modo que a frequência de homossexuais não é vista de forma harmoniosa em relação à condição moral de convivência (AVIZ, 2019). Como expressado nos relatos de Ernani e José:

Desde sempre, senti aquela atração pelo sexo masculino, mas por pressão familiar, a questão de frequentar a igreja e a ideia do que é certo e errado, só me reconheci lá pelos 17 anos, quando percebi que a vida religiosa não era algo que gostaria de seguir e que não me sentia atraído pelo sexo feminino, e sim pelo masculino. (Ernani, católico)

Eu me assumi gay e foram anos bem conturbados na minha vida, pois terminei um namoro e fiz acompanhamento com psiquiatra, que receitou alguns remédios e disse que se eu tivesse alguma religião ou algo superior, era para eu procurar. Nada me desmotiva em relação a igreja, só no meu namoro, quando eu recebia julgamentos e eu não achava legal, mas nada me atrapalhava de viver aquela paz que eu só sentia lá. (José, católico)

Desta forma, percebe-se que existe um desafio, pois foi necessário um remanejamento de crenças religiosas e das relações com as instituições religiosas que os participantes frequentam, para que os entrevistados encontrassem possibilidades para se reconhecerem homossexuais, enquanto homens religiosos. Como pode ser observado nos relatos de Chico e Mário:

O que eu percebi é que, apesar de praticar todas as práticas católicas, eu não poderia me considerar católico porque eu não sigo, não me adequo, e não quero me adequar também, ao que a igreja católica pede para alguns de seus membros. Eu sou homossexual e não vivo a castidade, então não acho justo me declarar católico, apesar de viver tudo dessa religião. Eu não sigo o catecismo, é um conflito que tenho e não quero mudar isso em mim, por isso me considero cristão. (Chico, católico)

Eu participava de um grupo muito tradicional em minha comunidade e existiam alguns temas abordados que me geravam desconfortos, como temas envolvendo a castidade e a homossexualidade. Para evitar entrar em contato com conteúdo que me trazem desconforto ou com comentários que tornem incoerente, eu deixei de assumir lideranças. (Mário, católico)

Estratégias de integração

Para a construção dessa categoria, foram considerados os relatos que declararam estratégias facilitadoras para conseguir conciliar a prática religiosa e a vivência da homossexualidade. Foram encontrados manejos saudáveis, que significam a religião como um elemento facilitador para essa integração, assim como a utilização da autonomia individual frente às normas religiosas, adequando-as à subjetividade do entrevistado e o acolhimento da comunidade como meio para se sentir aceito dentro de determinada religião.

O atual quadro de pluralismo religioso no país, a quebra da hegemonia católica e ampliação das possibilidades de intercâmbio, evidenciam a complexidade de identidades religiosas na atualidade. As igrejas inclusivas, parte desse pluralismo religioso, fazem o papel de inclusão e acolhimento do público LGBTQIA+, que conseguem conciliar sua afiliação religiosa com a sua sexualidade. Havendo assim, maior expressão de valores individuais dentro das correntes evangélicas (CORTES ET AL., 2021; BRANDÃO, 2021).

Observou-se que os participantes utilizam dos seus valores e processos individuais de subjetividade para integrar a sua sexualidade na vivência religiosa. Como pode ser observado na fala do Luís “eu sou muito convicto de todos os meus ideais e sei que não estou fazendo nada errado, então a religião sempre está presente. Vou a missa três domingos ao mês, por exemplo”.

Concordando com o exposto o entrevistado Milton diz que “Nós nos apegamos a religião. Ela nos suporta muito, sempre recorremos a ela”. Durante as entrevistas, outros participantes trouxeram falas relacionadas a essa experiência:

A religião contribui no sentido de eu me sentir bem e aceitar que aquele sentimento pela pessoa do mesmo sexo não é algo estranho, que não é a religião que me faz pensar assim, e sim eu mesmo. Se eu me aceito, não importa o que a religião diz ou o que os outros vão pensar. (Aníbal, evangélico)

Eu me senti muito acolhido na comunidade e assumo que esse meu caminhar na comunidade é muito único. Diferente de outros jovens homossexuais dentro da igreja, eu sempre tive a liberdade de escolher dentro da igreja. Me sentia livre para escolher, porque a minha opinião estava sendo respeitada. (Chico, católico)

Ao mesmo tempo que a religião gera um desconforto no processo de aceitação, ela também fez eu me sentir muito acolhido, principalmente quando comecei a enxergar que dentro da comunidade existia muita gente parecida comigo, engajadas, que vivem a fé, tem missão, então por que eu também não posso? (Mário, católico)

Em alguns relatos, percebeu-se que essa facilitação é encontrada em falas como “Deus é amor”, “não estou fazendo nada de errado para o próximo”, além do acolhimento recebido dentro das comunidades religiosas, o que facilita esse processo de aceitação da sua homossexualidade e a interação harmônica entre homossexualidade e religiosidade.

Tais relatos conversam com estudos realizados nas regiões Sul e Sudeste do Brasil, em que os participantes não se envergonham da homossexualidade, concebendo-a como algo divino, e que mesmo a igreja considerando a homossexualidade como algo pecaminoso, as pessoas

discordam dessa posição, praticando a sua fé. Estes demonstram que, apesar da discordância com a igreja acerca da percepção da homossexualidade, adotam conceitos e valores religiosos para criar um contexto mais confortável entre as discordâncias institucionalizadas e as vivências pessoais (DA SILVA et al. 2008; RIBEIRO, SCORSOLINI-COMIN, 2017).

Religiosidade como um entrave à aceitação da homossexualidade

Essa categoria reúne relatos cujos manejos revelaram uma integração conflituosa entre homossexualidade e religiosidade. A dificuldade na conciliação entre as duas categorias, resulta da religiosidade como um entrave para se assumir homossexual, por conta da família e doutrinas religiosas.

Muitos homossexuais podem se reprimir em seu processo de aceitação devido aos dogmas religiosos, que interferem de maneira opressora, a fim de converter os homossexuais. Dessa forma, a religiosidade pode agir como uma via de aceitação para esse grupo ou como uma via de conflitos. A homossexualidade constitui-se originalmente como um estigma, ou seja, um sinal ou traço que passa a ser ressaltado no sujeito, que faz com que ele não seja visto em sua complexidade. Isso se dá porque esse jeito de expressar a sexualidade, não é considerado certo de acordo com a maioria das religiões (JÚNIOR, 2024). Essa repressão fica evidente nas seguintes falas:

Um dos maiores entraves para eu não me assumir foi a religião. Existem diversos fatores além da decepção da minha mãe e da minha avó, pois a religião influencia no sentido de que não é uma coisa correta a se fazer. Existem consequências, tudo o que a gente plantar a gente vai colher. (Aníbal, evangélico)

A minha família é bem católica, então o momento da revelação foi bem complicado, houve uma reunião em família e minha mãe disse que preferia que eu tivesse nascido morto. Ela é extremamente religiosa. Na época, eu não tinha noção de muita coisa acerca da homossexualidade, tanto que permaneci no grupo de jovens da minha comunidade religiosa e permaneci, em tese, vivendo a castidade. Na época, continuei vivendo a religião, porque gostava e para seguir as regras da minha família. (Chico, católico)

Como venho de uma base católica, existe um conflito com a homossexualidade que dificulta o processo de me assumir por questões doutrinárias. Religião e família são duas coisas que dificultam a pessoa de se assumir. Ser cristão católico, praticante e homossexual, sempre vai ser algo desafiador, pois você vai ter que escolher um ponto para olhar. Ou você olha para a doutrina e se angustia em algum momento, ou olha para o bem maior que é Deus e, só assim, consegue se manter... Hoje não vivencio mais o sacramento da confissão e da comunhão, não posso confessar o que para a igreja é considerado pecado, porque nunca me será concedido o perdão. (Mário, católico)

O preconceito dentro da comunidade religiosa

A crença na natureza religiosa é um dos cinco princípios organizadores das representações sociais sobre a natureza da homossexualidade, que são transformadas em saber de senso comum e contribuem para o processo de discriminação social contra os homossexuais (CALILE, 2019).

Tal preconceito, também foi verificado nas comunidades religiosas dentro de Belém do Pará, pelas falas dos entrevistados nesta pesquisa, sendo possível identificar preconceitos em relação à vestimenta, ao fato de não se adequarem as normas da igreja, assim como olhares de julgamento, nojo e afastamento por parte de membros da igreja.

Na vivência do entrevistado José “dentro do grupo de oração que participo já escutei muita besteira, como se, por ser gay, devo fazer melhor que todos. Na hora da comunhão as pessoas comungando me olhavam dos pés à cabeça com cara de nojo”. O participante Mário passou por experiência similar no meio virtual “Sofri preconceito indiretamente, quando comecei expor mais minha intimidade em redes sociais, como postar fotos com meu namorado, percebi que pessoas religiosas deixaram de me seguir”. Em relação ao preconceito dos membros religiosos, Chico expressa sua opinião no trecho a seguir:

Eu acho que houve preconceito de algumas pessoas dentro da comunidade. Consigo muito bem distinguir entre o que a Igreja quer e o que certas pessoas usando o nome de Deus querem. O meu processo de saída da comunidade começou quando certas pessoas começaram a se preocupar com o meu externo, se preocupavam com minha roupa, minha forma de agir, ao invés de se preocuparem se eu estava rezando ou não. Não estão preocupados com meu relacionamento com Deus. As pessoas não estão preparadas para lidar comigo sendo religioso, com uma pessoa como eu sou. Eu não culpo a igreja em si, culpo as pessoas que usam de artimanhas em nome da igreja. (Chico, católico)

Considerações finais

Este estudo investigou a vivência da religiosidade entre homens homossexuais na Amazônia. As entrevistas revelaram que a religiosidade tem um papel controlador significativo na formação da subjetividade dos participantes, possibilitando a relação com a comunidade religiosa, apesar da homofobia e isolamento que enfrentam nesses contextos.

O preconceito vivenciado na família, sociedade e nas instituições religiosas são fatores que contribuem para o apagamento e cerceamento de aspectos pessoais e sociais. Como resultado, a integração entre sexualidade e religiosidade torna-se difícil, exigindo que os homens homossexuais ocultem seus trejeitos, aspectos afetivo-sexuais de suas vidas e partes significativas do seu ser.

Em comparação as regiões Sul e Sudeste, verificou-se que na região norte há uma significativa dificuldade em assumir a sexualidade dentro de um contexto religioso devido ao sentimento de pecado. Enquanto os homossexuais das outras regiões demonstram maior autonomia em relação a religião, na Amazônia a preocupação com o contexto social é considerada um entrave para vivência da sexualidade no âmbito religioso.

Em Belém do Pará essa dificuldade de integração pode estar relacionada às diversas manifestações religiosas da região que reiteram a importância da fé e dos preceitos religiosos. Além disso, esse aspecto cultural aumenta a proximidade e convivência da comunidade religiosa, e conseqüentemente, a vigilância junto com punições de comportamentos considerados “desviantes”.

Diante das dificuldades encontradas, os entrevistados utilizam estratégias pautadas nos valores cristãos e pessoais para vivenciar sua religiosidade. Enquanto outros encontraram na própria comunidade religiosa o acolhimento para vivenciar a sua fé. Em síntese, distinguir religião e religiosidade é um recurso desenvolvido por homossexuais para se sentirem pertencentes e acolhidos na sua crença religiosa.

Esta pesquisa foi crucial para entender a vivência da religiosidade entre homens homossexuais na Amazônia, um aspecto que até o momento não tinha sido explorado na literatura de forma abrangente. A investigação abre novas possibilidades para visibilidade e futuras discussões sobre o tema, contribuindo potencialmente para benefício desse grupo.

Entre as limitações da pesquisa, observa-se que a maioria dos participantes pertenciam à classe média. A necessidade de deslocamento até o serviço-escola resultou na seleção de indivíduos com maior flexibilidade no trabalho, recursos financeiros adequados e residência no centro de Belém. Além disso, muitos inscritos manifestaram preferências por entrevistas remotas devido às condições do clima, trânsito e tempo de deslocamento.

Diante dessas dificuldades, sugere-se pesquisas, tanto presenciais quanto virtuais, que abrangem grupos de áreas periféricas e contemplem diferentes faixas econômicas. Novas investigações devem também interseccionar gênero e raça, com o objetivo de ampliar o conhecimento sobre o tema e enriquecer os dados disponíveis para discussão acadêmica e social.

Sobre o artigo

Recebido: 02/03/2024

Aceito: 11/11/2024

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, G. A.; BELÉM, J. M.; NUNES, J. F. C.; LEITE, M. F.; SALDANHA, J. F. Expressões da homossexualidade masculina: práticas, contextos e vulnerabilidades em saúde. **Bagoas - Estudos Gays: Gêneros e Sexualidades**, Natal, v.10, n.15, p. 223-247, 2016.

AVIZ, A. S. Sexualidade e religiosidade: um estudo sobre a frequência de homossexuais em igrejas evangélicas em Belém. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, Campinas, v.21, e019014, 2019.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRANDÃO, F. A. M. **Religião e homossexualidade: uma abordagem histórica e sociocultural das Igrejas Cristãs inclusivas em Goiás**. 2021, 214f. Dissertação (Mestre em História) – Programa de Stricto sensu de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Goiás, Morrinhos: 2021.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2018.

CALILE, O. A homossexualidade e as Representações Sociais: uma revisão de literatura: uma revisão de literatura. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, Natal, v.13, n.20, 2019.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução nº 466/2012**: Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, DF.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução nº 510/2016**: Normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Brasília, DF.

CORRÊA, J. C. S.; FERREIRA, C. W. S. Homossexualidade masculina frente ao preconceito e discriminação, promovendo a evasão no espaço tempo escolar. **Revista Internacional de apoyo a la inclusión, logopedia, sociedad y multiculturalidad**, Logroño, v.2, n.4, p. 99-113, 2016.

CORTES, H. M. et al. Sexualidade e Religiosidade: uma revisão integrativa de literatura. **Research, Society and Development**, São Paulo, v.10, n.2, p. e37910212540, 2021.

CUNHA, V. F.; ROSSATO, L.; SCORSOLINI-COMIN, F. Religião, religiosidade, espiritualidade, ancestralidade: tensões e potencialidades no campo da saúde. **Revista Relegens Thréskeia**, Maringá, v.10, n.1, p. 143-170, 2021.

DA SILVA, C. G.; SANTOS, A. O.; LICCIARDI, D. C.; PAIVA, V. Religiosidade, juventude e sexualidade: entre a autonomia e a rigidez. **Psicologia em estudo**, Maringá, v.13, n.4, p. 683-692, 2008.

DA SILVEIRA, D. O. Religiões e contra-hegemonia no médio-baixo Amazonas: olhar, reconhecer e atuar em prol da diversidade. In: DA SILVEIRA, D.O.C.; BIANCHEZZI, M.V.; REIS, M.V.F.; TENÓRIO, A.M. (orgs.). **Religiões e lutas contra-hegemônicas na Amazônia**, Manaus: Editora UEA, 2020, p. 137-158.

DUARTE, A. J. O. Sexualidade e religião: um olhar crítico acerca das influências da religião sobre o comportamento sexual. **Revista Relegens Thréskeia**, Maringá, v.6, n.1, p. 74-98, 2017.

GARCIA, A.; SOUZA, E. M. Sexualidade e trabalho: estudo sobre a discriminação de homossexuais masculinos no setor bancário. **Revista de administração pública**, Rio de Janeiro, v.44, n.6, p. 1353-1377, 2010.

GIBBS, J.; GOLDBACH, J. Religious conflict, sexual identity, and suicidal behaviors among LGBT young adults. **Archives of suicide research**, Londres, v.19, n.4, p. 472-488, 2015.

GONTIJO, F.; ERICK, I. Experiências da diversidade sexual e de gênero e sociabilidades na Amazônia: convite para se pensar as relações sociais como atos históricos singulares. **ACENO**, Cuiabá, v.4, n.7, p. 249-272, 2017.

GOULART, D. M. A pesquisa qualitativa em psicologia: contradições, alternativas e desafios. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, Salvador, v.7, n.1, p. 6-9, 2018.

HOLANDA, A. F.; PEREIRA, K. C. L. Religião e espiritualidade no campo da saúde: questões para a educação superior. **Paralellus**, Recife, v.11, n.28, p. 619-640, 2020.

JÚNIOR, C. L. C. Adesão religiosa e carreiras sexuais: narrativas de conflitos e confluências entre religiosidade cristã e sexualidades não hegemônicas. **Revista Inter-Legere**, [S. I.], v.7, n.39, p. c34459, 2024.

LOBATO, F. Experiência religiosa de cristãos LGBTs: uma análise ocupacional. **PLURA, Revista de Estudos de Religião**, [S. I.], v.14, n.1, p. 46-63, 2023.

LUZ, B. P.; TORESAN, L. H. Homossexualidade, psicopatologia e saúde mental. **Psicopatologia crítica: perspectivas do sofrimento existencial**, [S. I.], v.1, n.1, 2020.

NATIVIDADE, M.; DE OLIVEIRA, L. **As novas guerras sexuais: diferença, poder religioso e identidades LGBT no Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 2018.

PRÉCOMA, D. B. et al. Atualização da diretriz de prevenção cardiovascular da Sociedade Brasileira de Cardiologia-2019. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, Rio de Janeiro, v.113, n.4, p. 787-891, 2019.

RIBEIRO, L. M.; SCORSOLINI-COMIN, F. Relações entre religiosidade e homossexualidade em jovens adultos religiosos. **Psicologia & sociedade**, Recife, v.29, p. e162267, 2017.

RIBEIRO, M., & FRANCO, L. M. Quatro décadas de resistência queer: ativismo LGBTI na Amazônia brasileira. **Cahiers des Amériques latines**, [S. I.], v. 98, p. 103-132, 2021.

ROSA, Z. T. S.; ESPERANDIO, M. R. G. O papel da espiritualidade/religiosidade na saúde mental de minorias sexuais: revisão integrativa da literatura. **Estudos de religião**, [S. I.], v.36, n.2, p. 23-51, 2022.

SANTOS, M. F. D. **Pessoas da comunidade LGBT+ e suas vivências em igrejas evangélicas.** 2023, 50f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduado em Jornalismo) –Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana: 2023.

SANTOS, M. K. D. **Entre bênção e maldição: percepções do âmbito religioso acerca da homossexualidade nos dias atuais.** 2016, 47f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduado em Psicologia) –Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul: 2016.